

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

DÉBORA VIANA MILITÃO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

DÉBORA VIANA MILITÃO



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Me: Cidmar Ortiz dos Santos.

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

A Importância da Leitura no Ensino Fundamental

Por

Débora Viana Militão

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Ciências - Polo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico a Deus pelas oportunidades alcançadas, a minha família pelo amor, dedicação, ensinamentos e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida. Por me fazerem acreditar que tudo é possível, basta acreditar e persistir nos sonhos. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais Valdeci José Militão e Marisa Aparecida Viana Militão, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Me. Cidmar Ortiz dos Santos, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Um país se faz com homens e livros.”
Monteiro Lobato

RESUMO

VIANA MILITÃO, Débora. A Importância da Leitura no Ensino Fundamental. 2014. Número de folhas 51. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho explana a importância da leitura no Ensino Fundamental, objetivando como a escola deve trabalhar a leitura dentro e fora da sala de aula e quais os meios de utilização da mesma. A leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Durante a leitura descobrimos um mundo novo, cheio de coisa desconhecidas. O hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê.

Palavras-chave: Leitura. Escola. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

VIANA MILITÃO, Débora. The Importance of Reading in the Elementary School. 2014. Número de folhas 51. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work had as thematic the importance of reading in the elementary school, aiming to show how the school has to work the reading inside and outside the classroom and the ways to use it. Reading is essential to human learning, because it is through this tool we can enrich our vocabulary, achieve knowledge, improve the reasoning and the interpretation. While reading we are allowed to discover an entire new world, full of unknown things. The reading habit must be encouraged during childhood; this way the person is able to learn, since young ages, that reading is something important and pleasurable. The reading activity does not correspond to a simple symbol decoding, but it means, in fact, construing and comprehending what is being read.

Keywords: Reading. School. Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 O DESPERTAR DA LEITURA.....	14
3.1.1 Origem e Importância da Leitura	24
3.1.1.1 Leitura desde o berço: A formação do leitor	26
3.2 OS OBJETIVOS DA LEITURA	27
3.2.1 Ler para Obter uma Informação Precisa	27
3.2.2 Ler para Seguir Instruções	28
3.2.3 Ler para Obter uma Informação de Caráter Geral.....	28
3.2.4 Ler para Aprender	29
3.2.5 Ler para Revisar um Escrito Próprio	30
3.2.6 Ler por Prazer	31
3.2.7 Ler para Comunicar um Texto a um Auditório.....	31
3.2.8 Ler para Praticar a Leitura em Voz Alta.....	32
3.2.9 Ler para Verificar o que se Compreendeu.....	33
3.3.1 Praticar a Leitura	36
3.3.2 A Importância do Livro Paradidático para o Desenvolvimento da Leitura	38
3.3.3 A Importância da Leitura na Formação de Alunos Críticos	40
3.3.4 Leitura: A Escola em Relação à Família.....	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende explicar a importância da leitura no Ensino Fundamental. Por sua vez, a importância da formação de leitores já nos primeiros anos da escola é conhecida e amplamente discutida por educadores e profissionais do ensino, estando ligada diretamente ao desenvolvimento do aluno, tanto por suas faculdades intelectuais, como pela formação da capacidade crítica do aluno, e sua formação como cidadão, sendo hoje a leitura indissociável da boa formação.

De outra forma, ao se pensar no sentido social e diretamente implícito na vida do aluno, saber ler em plena “Era da Informação” corresponde à única de forma de estar completamente inserido no mundo contemporâneo. Dos meios de comunicação, às tarefas do dia a dia e à realização pessoal, a leitura promove a ponte entre a intenção e a realização, sendo que em um mundo onde o conhecimento precisa ser atualizado com muita velocidade e o tráfego de informações possui um volume exorbitante, ler é fator primordial.

Iser (1996) já procurava demonstrar a estreita ligação entre o ato de ler e a concepção de mundo. Para o autor, o texto deveria proporcionar ao leitor uma interação de seu próprio universo, levando para o texto toda a bagagem que o leitor possui e dialogando, por sua vez, com aquilo que o texto apresenta, tornando o texto mais próximo. Depois disso, o choque daquilo que o leitor concebe e do ponto de vista do texto permite uma ruptura de horizontes de onde nasce a crítica, ampliando deste modo a percepção do mundo que cerca o leitor.

A leitura, enquanto ação propriamente dita, não se limita a uma ação motora. Trata-se de uma interação com diversos elementos simbólicos, como a própria língua, cujos símbolos, quando decodificados, compõem os elementos que formam o texto. Deste modo, a leitura também é um agente de reconhecimento social, pois está intimamente ligada com os símbolos que reconhecem uma sociedade específica. Ainda que ler não se limite a traduzir palavras. Ler envolve toda capacidade sensorial de decodificar informações. Deste modo, seja ao ler um jornal ou contemplar um quadro, o indivíduo está a ler, processando as informações que chegam até ele.

Entende-se, deste modo, que a leitura permite que o indivíduo interaja com o mundo em todas as estâncias de percepção. Por outro lado, é somente por meio do

ato consciente de leitura que ocorre a ampliação de intelecto e de percepção crítica do mundo, tal como propõe C. S. Lewis (2010).

Por sua vez, esse contato imediato e direto com o mundo de forma consciente nunca foi tão fundamental como nos dias de hoje. Entende-se que em plena global dos meios digitais, a informação representa o fator mais importante para a realização social e principalmente para a realização profissional. Seja devido à internet ou aos celulares, é impossível para alguém inserido no mundo de hoje fugir da máxima da informação. Entretanto, a informação pura, sem qualquer base crítica para explanação dessa informação, não gera ao homem proveito algum. É preciso que a informação seja amplamente processada e analisada pelo leitor. E é neste ponto que entra a escola.

Essa questão vem sendo abordada incansavelmente por educadores de todo mundo. E ela se renova constantemente, uma vez que a velocidade da informação e os meios de mídia continuam a evoluir. Cabe a escola e aos educadores encontrar a melhor forma de trabalhar a leitura dentro desse quadro em constante transformação, e fazer da abundância descontrolada de informação uma aliada, não inimiga da aprendizagem.

Por sua vez, não é possível fugir da realidade nacional de que o brasileiro não lê, ou lê muito pouco, sendo essa uma verdade que toma proporções muito mais significativas quando levadas para a sala de aula, onde o aluno, que precisa ler, não apenas não tem o hábito da leitura, como a considera algo detestável. Deste modo, incentivar a leitura e promover uma mudança de vida que implique um contato maior e espontâneo entre texto e aluno é fundamental para um educador.

Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo explorar as relações entre aluno, texto e escola, discutindo a problemática de modo a tentar alcançar alguma luz sobre o problema, explorando o papel, as atividades da escola, em detrimento suas limitações e função social.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Visando proporcionar o maior entendimento sobre o objeto de pesquisa proposto, este trabalho teve como base um caráter de pesquisa de intervenção, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas, propriamente dito no terceiro ano.

Para falar em intervenção, faz-se necessário, antes, explicitar o sentido de intervenção no meio escolar, ou “intervenção pedagógica”, apresentando também o processo educativo como sendo a finalidade da escola. A partir da idéia de que o aluno deve, com a mediação do adulto, ser capaz de desenvolver sua aprendizagem, conforme nos mostra Vygotsky (1993) com base na zona de desenvolvimento proximal.

Assim, observando a metodologia aplicada pela professora, percebi que a leitura era trabalhada de forma superficial, ou seja, com livros didáticos que apenas contemplavam o código linguístico, e não despertavam o interesse dos alunos, muitas vezes impedindo a relação dos alunos com a realidade em que vivem. Tudo de forma obrigatória e condicionada, que não solucionavam as devidas dificuldades existentes, e sim desmotivavam e criavam certa imposição ao ler.

Foi nítido que a professora não se utilizava de uma aula dinamizada, seu método de ensino era tradicionalista, impossibilitando a aprendizagem dos alunos e o prazer em relação à leitura.

Leitura esta, que tem uma relação com o processo de aprendizagem, e isso acontece quando usamos atividades que facilitam a autonomia dos alunos, sendo assim, foi sugerido a professora o uso de material didático com figuras e ilustrações que aguçam o interesse dos alunos em relação à leitura, tornando-a prazerosa, criativa e diversificada, a fim de, atender às reais necessidades de seus alunos.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O poder das palavras que encerra a literatura infantil conduz a criança para o aprimoramento de suas faculdades intelectuais, e mesmo de sua personalidade. Isso, por sua vez, indispensável para satisfazer necessidades que a mente da criança possui, como a constante necessidade de se desenvolver e fornecer suporte para a consciência crítica que se forma gradativamente e de modo contínuo. Desta forma, o processo de ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através de um conto e/ou de uma história, que a criança pode conhecer coisas novas, para que efetivamente sejam iniciados a construção da linguagem, da oralidade, idéias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal.

Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que as crianças aprendem a ler. Muitas têm no ambiente escolar, o primeiro (e, às vezes, o único) contato com a literatura. Assim fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se n'um ambiente privilegiado para a formação do leitor.

A leitura deve proporcionar descoberta, encantamento, deleite acompanhado de interesse de cada aluno, desenvolvendo sua capacidade e emancipação.

Alguns alunos têm algumas idéias sobre esforço as angústias típicas do ato de escrever, temendo que suas tentativas não dessem certo, portanto o professor vem outra vez como papel principal, devendo desempenhar técnicas concretas de composição da riqueza de ideias e coerência de raciocínio de cada aluno, para que o mesmo possa se libertar dessa preocupação na hora de escrever. O aluno pode até ter uma reflexão, mas na hora de passar para o papel, sente-se inseguro e incapaz.

3.1 O DESPERTAR DA LEITURA

Ler sempre foi sinônimo de prazer desde as mais antigas civilizações. Entre os gregos, os homens livres que tinham esse privilégio e os que eram responsáveis pelo "saber" da sociedade. Na antiguidade, o ato de ler era um privilégio destinado aos membros das classes sociais mais elevadas, tal como aponta Charmeux (1985),

e deste modo o chamado “homem erudito” sobressaia-se do homem comum graças a sua posição de leitor.

Ao longo do desenvolvimento social humano, e com o prestígio que a educação desfrutava cada vez mais, o ato de ler deixou de ser privilégio de uma classe casta, e tornou-se algo necessário e relativamente comum dentro dos estratos sociais, à medida que a educação também ia se tornando algo de acesso mais amplo. Ainda segundo Charmeux (1995), o ato de ler propriamente dito, ganhou seu espaço próprio, e com isso ocorreu dentro dos espaços acadêmicos uma metalinguagem, colocando a leitura como objeto de estudo.

Esse “repensar” da leitura, e esse posicionamento que buscava uma teoria científica para a leitura refletia a premência que educadores, sociólogos e demais profissionais do ensino enxergavam no ato de ler para a formação social e pessoal do aluno, e do cidadão, novamente reassumindo a importância incontestável da leitura.

Charmeux (1995) aponta ainda que o ato de ler é um processo complexo, que engloba uma série de elementos extratextuais e mesmo linguísticos, que se organizam na codificação da informação. Essa leitura trata diretamente da capacidade humana de reconhecer e interpretar, visualmente, informações físicas ao nosso redor, tais como gestos, ações de outras pessoas, e mesmo conceitos tradicionais nascidos da cultura na qual estamos inseridos, como, por exemplo, determinados símbolos.

Como se pode ver a leitura é um processo que ocorre a todo o momento em nossas vidas e por sua vez ela na mais complexa vai além das expressões humanas e necessita de ser sistematizada enquanto a leitura de códigos como sinais de trânsito, libras, braile, expressões matemáticas.

Daí o papel das escolas, estimularem a leitura como meta na educação, e a infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação por meio da função liberatória da palavra.

O ato de ler na formação da criança é indispensável, e ganha uma conotação ainda mais importante, como aponta Bamberger (1987), ao se considerar que, mediante um contato que seja prazeroso, ou seja, que deixe impressões positivas no leitor em sua fase inicial, seu desenvolvimento, tanto o social quanto o individual, é mais rapidamente perceptível, e sua resposta mais imediata, e deixará elementos indelévels em sua personalidade por toda vida. E dentre estes traços o

próprio gosto pela leitura é talvez o mais significativo, pois ao permitir que a criança tenha um contato positivo com os livros antes de qualquer coisa, se está formando um leitor.

A fase de formação de leitura, onde os laços entre o texto e a criança são mais fortes, tal como aponta Bamberger (1987), é dos oito aos treze anos. Se nesse período a criança for estimulada, se seu gosto não for suprimido por uma pedagogia barata calcada em valores tradicionais de leituras, mas for antes incentivada e corretamente direcionada, a criança se apegará ao mundo da leitura como uma extensão de seu mundo, reconhecendo nos personagens do texto a mesma intimidade que enxergaria em personagens midiáticos, por exemplo.

Assim, formar leitores, trabalhar a leitura de modo coerente e eficaz, se faz, antes de tudo, uma necessidade absoluta que deve ser abraçada por todos os envolvidos no processo de formação da criança. É importante, todavia, ressaltar que esse processo não engloba só a escola, mas o convívio social. Ter pais leitores já corresponde cinquenta por cento do processo de formação da leitura em uma criança, e na ausência destes pais que estejam dispostos a incentivar sem obrigar o filho, tornando o livro parte de seu dia a dia, conseguem alguém um sucesso quase tão garantido quanto o primeiro caso.

Outro elemento que pode ser uma importante ferramenta na formação de leitores é a relação do contato sensorial do objeto “livro” com a criança. A leitura material do livro exerce grande influência, sobre a criança. Isso pode ser maximizado e melhor trabalhado quando é adotado como ferramenta: livros com um bom papel, uma formatação gráfica diferenciada, e cujo tamanho soe atrativo para a criança. Os livros maiores tendem a ser mais atrativos, bem como os que possuem cores bem vivas. Outra forma de publicação que ganha mais e mais espaço entre os leitores pequenos também é chamado de “livro brinquedo”, que une a ação lúdica da leitura com a brincadeira. Estes livros, quando manuseados pela criança, criam em seu consciente o prazer, estimulam a curiosidade e com isso o desejo de se familiarizar mais e mais com o objeto.

Todavia, apenas esses elementos não bastam, é preciso que o livro seja do interesse da criança. A história, o tema, a forma como o enredo se desenvolve, precisam ser cativantes para que o jovem leitor se sinta motivado a virar a próxima página. Quando o livro é capaz de suprir as necessidades da criança, ele realiza a ponte de ligação necessária para a formação do leitor.

Finalmente, todo esse processo de contato e manuseio do livro permite o contato direto da criança, ou seja, do leitor em formação com o mundo da linguagem. Assim o livro trabalha a capacidade cognitiva da criança, ampliando seu domínio de comunicação e sua expressividade a tornando socialmente – quando se pensa em termos linguísticos – mais ativa, o que é de suma importância para a formação de sua identidade.

A leitura é muito importante para o crescimento da pessoa, é literalmente a liberdade intelectual, pois quem lê solta a imaginação e quem cria a imagem é o próprio leitor, ao contrário da mídia eletrônica que pensa pela pessoa e padronizam as emoções do telespectador, além de promover a preguiça mental.

Nos dias de hoje, parece inegável a importância da leitura e de saber ler, para que os cidadãos se integrem plenamente na vida cotidiana, em termos profissionais e de também de lazer.

Há uma grande preocupação com o desempenho da leitura com o domínio do código escrito, na moderna sociedade da informação que não é somente no Brasil, mas este presente no mundo inteiro.

Tomando conhecimentos dessas inquietações da sociedade em geral, vamos analisar e refletir sobre o papel desempenhado pela família na inquisição de hábitos de leitura das crianças mais novas.

Segundo Bamberger (1987), “a prontidão para a leitura é determinada em grande parte, pela atmosfera literária e linguística reinante na casa da criança”.

Os pais têm um papel importante no hábito de leitura de seus filhos. Quando a leitura é valorizada, incentivada e presenciada em casa, a criança aprende a gostar mais facilmente.

A convivência com os livros e a respectiva formação se inicia antes da alfabetização. Desde pequenas as crianças percebem as reações das pessoas com a escrita, notando a reação dos adultos na leitura das cartas, folhetos e propagandas, jornais, livros e outros escritos.

Se os pais ou pessoas mais próximas lhes oferecem livros ou contarem histórias ajudarão a despertar o seu interesse pelo ato de ler.

As histórias infantis são importantes na vida, à literatura constitui de um momento precioso para seu aluno. E conhecendo a criança e o mistério ingênuo do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua família.

De fato as crianças antes de entrar na escola, ainda não decodificam o código linguístico, mas se torna uma leitora e apropria-se da leitura através da família.

Os pais ajudam os filhos a aprender a ler todos os dias, quando levam ao supermercado, quando lê placas de propagandas, sinais de trânsito, etc.

Sabe-se que as crianças com melhor desempenho na escola, são aquelas que tiveram inúmeras experiências com leituras nos seus primeiros anos de vida.

O ato de ler exige a capacidade de concentração necessária para o ato de ler. Convém ressaltar que:

Nossa formação tem início nas canções de ninar que, bebês ainda nos acalantam no sono. A importância, pois dos primeiros contatos com a palavra é fundamental para a formação da sensibilidade lingüística, isto é a capacidade de prestar nos sons e nos sentidos, no ritmo e na melodia de cada frase que ouvimos ou depois, lemos (AGUILAR, 2004, p.22).

Dessa forma considera-se o valor de família na formação do leitor. Um ambiente que é repleto de materiais escritos, ou que é o costume no momento de contar histórias com certeza conduz a criança a adquirir o gosto e a compreensão da leitura.

Um trabalho baseado na leitura que priorize a formação do leitor eficiente deve ser desenvolvido pela escola, pois muitas vezes é nesse local que o aluno terá suas experiências.

Também de acordo com Cattani e Aguiar "cabe a escola desenvolver o hábito de leitura, seu papel é tão amplo quanto mais restrito for o da família condicionando os problemas sócio-econômicos". (1988, p.24).

Não podemos negar o fato de que o acesso a livros e situações de leitura, desde muito cedo tem um grande peso na formação do leitor e no envolvimento que cada um tem com a leitura. Por outro lado não podemos negar a importância da instituição escolar no processo de formação de leitores e na constituição da prática de letramento mais significativa no interior da escola.

Segundo Cagliari "a criança sendo um meio social pobre não lê do mesmo jeito que uma criança de meio social rico".

Ainda que a escola não seja a única instância responsável pela dinamização das relações entre os sujeitos e os objetos culturais, o seu papel na construção dessas relações é primordial, de modo que não podemos pensar na leitura sem

considerarmos o papel da escola. Cabe a ela, além de contribuir para o desenvolvimento dos leitores iniciantes que nela estudam também a função de criar condições para que o aluno se torne um leitor autônomo, que queira conviver com os livros, que cultive a leitura ao longo de sua vida.

Continua Cagliari (1996, p. 151) "A escola deve respeitar a leitura de cada e ensinar o mesmo a ler no seu próprio dialeto, fundamental para formar leitores".

Para ler corretamente, a criança levará certo tempo, por isso a escola não pode avaliar sua pronúncia, rapidez e decifração. Para os leitores iniciantes poderão inibi-la, levando a acreditar que não será capaz de ler com fluência.

Essas diferenças sociais deságuam na escola, deixando o professor responsável por compensar essas desigualdades, pois sendo a única fonte de leitura que o aluno menos privilegiado possui. De acordo com essas afirmações vai ficando claro a necessidade de ler, independentemente de classe social, e ou de qualquer outro incentivo que se tenha. Formar um aluno leitor se faz necessário e a escola tem essa missão, a de levar o aluno a ser um leitor crítico e transformador do mundo em que vive.

A leitura e a escrita estão interligadas e devem ser desenvolvidas mutuamente, porém a leitura se faz mais importante pelo espaço que ocupa em nossa sociedade, sendo necessário a todo instante a leituras de placas, ônibus, documentos, números de telefone, etc.

A escola sente necessidade de controlar tudo, de saber tudo. Cobra mais a escrita para que possa corrigir ortografia e gramática, se esquecendo que a leitura é muito mais importante do que a escrita.

Embora fique clara a devida importância, muitas escolas ainda vêm em seus alunos, vasos que precisam ser cheios e insistem em ver a leitura de forma insignificante em relação à escrita, levando o aluno a decorar, famílias silábicas, ocasionando sérios problemas para a formação do leitor.

Na visão bancária da educação, o "saber é uma doação aos que se julgam sábios aos que não julgam nada saber" (FREIRE, 1998).

Infelizmente ainda hoje encontramos alguns professores autoritários que resistem à mudança, porém há muitos que permitiram mudar e fazer de seus alunos cidadãos críticos e conscientes, não permitindo a opressão que lhe é imposta.

Isso acontece com a educação libertadora o indivíduo se liberta das amarras que o oprimem.

Com o crescente índice de professores a procura de formação e especialização, a cada dia o professor libertador esta tomando lugar e deixando de ser o único que transmite conhecimento para ser um mediador do conhecimento.

Quando a criança chega à escola nas séries iniciais, ela já tem conhecimento de varias leituras.

Cabe ao professor fazer um levantamento de conhecimentos prévio e nunca descartar a bagagem de conhecimentos que esses alunos.

Segundo Freire (1988), "a leitura de mundo precede a leitura da palavra", ao discorrer sobre a importância do ato de ler, conforme explicita muito bem a citação abaixo:

O professor deve levar em conta a bagagem trazida pela criança, pois ela já é letrada, procurando descobrir os interesses e conhecimentos adquiridos e acrescentar coisas novas, diferentes e criativas para despertar o interesse pela leitura, como fantoches diversos, leituras de histórias mostrando as figuras, demonstrando ao ler para seus alunos, gosto e prazer nisso (FREIRE, 1988).

Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. Se a criança não sabe ler, mas pede que leiam histórias para ela, ou finge estar lendo um livro, se não sabe escrever, mas faz rabiscos dizendo que aquilo é uma carta que escreveu para alguém, é letrada, embora analfabeta, porque conhece e tenta exercer, no limite de suas possibilidades, práticas de leitura e de escrita.

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita.

Substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

É de acordo a prática e a metodologia que o professor utiliza que garante o sucesso do processo de formação do leitor. Essa metodologia que motiva ou desmotiva esse aluno.

Como fala Kleimam (1997) "uma leitura desmotivada não produz a aprendizagem". Passa fazer uma leitura mecânica sem sentido, apenas por obrigação. Isso acontece, quando o professor faz atividades de leitura sem objetivos, estratégias necessárias, e adequadas para o ato de ler.

Se há letramento dos alunos através da vida social, é preciso que o professor dê seguimento a isso, resgatando o conhecimento adquirido e incentivando para novas práticas de leitura cabe ao professor entender que um aluno.

Faz-se um desafio que é preciso encarar como sendo primordial visto que deve ser motivo de luta, por aqueles que, por razões diversas, não tiveram a oportunidade de vencê-los.

Para que isso se concretize, são necessários estudos, leitura e aprendizado de saberes que se conquista com o tempo. Fazer uma auto-avaliação do seu conhecimento pra saber onde e o que ele precisa buscar.

A sociedade vê a escola como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Ler e escrever, portanto implica redimensionar nossas práticas e nossos espaços, para assim cumprir com a tarefa de formar novos cidadãos para um mundo em permanente mudança na sua escrita e cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura.

O desafio vem de longe há muito tempo existem sérias divergências quanto ao melhor método e material utilizado. Não existe método pronto, é preciso que o professor conheça-os para atender aos objetivos propostos.

Na sala de aula, em sua prática muitos educadores enfocam no sistema tradicional de ensino somente como avaliação de leitura do aluno aquele que ele faz em voz alta e o professor pede para responder imediatamente o que o aluno já compreendeu. O que de fato acontece é uma leitura mecânica e o aluno não pode e nem consegue ler, compreender e transmitir a sua compreensão. Esse tipo de leitura não é significativa. O que queremos formar são leitores capazes de se apaixonar e se transformar a cada livro que lê.

Baseado nos cursos de formação entrevista com professores e na observação diária na sala de Ensino Fundamental, está ficando claro que o professor está imbuído no sentido de formar cidadãos leitores que interpretam o que lê e a usa como fonte de informação para transformar o mundo em que vive.

A leitura é um processo pelo qual se compreende a linguagem como interação.

Porém Kleiman (1997) aponta duas errôneas que podem conceber a leitura, a primeira caracterizada com a concepção de leitura como decodificação.

Essa prática se faz mecânica, dispensando qualquer tipo de engajamento intelectual, além de ser insignificante na formação do aluno leitor autocrítico se faz descaso com o autor.

Muitos autores vêm acrescentarem em relação à leitura por decodificação.

Para muitos leitores passa a ser um jogo de adivinhações; na sua formação não foi motivado a ler. Sendo assim não consegue interpretar o que lê desta forma, não será capaz de reconhecer, dar sentido na proposta do autor.

A leitura como decodificação é uma simples mudança do código real para o código escrito. Ferreiro e Teberosky (1986 e 1988) "tendem a descrever a alfabetização como um processo de construção de significado que nem passa decodificação".

Após a alfabetização é preciso percorrer um longo caminho até chegar ao nível de proficiência do leitor fluente.

E ainda deixem claro que a capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade que o alfabetizando apresenta, mas não só de somar pedaços de escrita e sim antes disso, de compreender como funciona a estrutura da língua e a forma como é usada na sociedade.

Esse tipo de leitura é hesitante e caracterizada por diferentes pausas e recomeço e múltiplos erros de pronúncia. Essa leitura causa pouca compreensão por que levam muito tempo para ler.

Esses indivíduos sempre dirão que não lêem por prazer, porque dá muito trabalho até se transformar em prazer uma leitura demorada, sem compreensão e sem nenhuma vontade.

O jovem e a criança precisam ser seduzidos para a leitura, desconsiderando qualquer artifício que possa levar a leitura por obrigação.

A segunda modalidade é caracterizada como concepção de leitura como avaliação. Kleiman (1997) vem afirmando "que a leitura como avaliação é outro tipo de prática que inibe ao invés de promover a formação de leitores".

O professor ao trabalhar com a leitura em voz alta fica preocupado com o jeito que o aluno está lendo, se ele está usando a pontuação correta e não se ele está compreendendo o que lê.

Nas primeiras séries caracteriza-se essa prática por tal preocupação de aferimento da capacidade de leitura, que a aula se reduz quase que exclusivamente à leitura em voz alta. Para que o aluno possa apropriar-se como fonte da leitura de prazer ele de autoconfiança e a mesma será rebaixada se o professor o interromper para corrigi-lo, levando-o inclusive ao constrangimento e a humilhação. Ainda sobre o mesmo foco podemos afirmar que:

Solé (1998) vem corroborar com Kleimam (1997) quando vêem que:

"Leitura que é cobrada por meios de relatórios, resumos e fichas aferem a uma redução da prática de atividade, causando uma avaliação que é medida por meio de páginas controlada pelo professor, é considerada também uma prática avaliativa que justifica o ato de passarmos olhos somente pelos números de páginas impostos pelo professor, não tendo nenhum objetivo no enfoque cognitivo ou afetivo".

Perde-se aí, todo o objetivo da leitura, visto que o aluno está lendo para cumprir a ordem do professor.

Solé (1998) acrescenta ainda que quando um texto é lido, deve-se ter o emprego de perguntas de pré-leitura como forma de ativar os conhecimentos do leitor sobre o tema discutido no texto.

As atividades de pré-leitura auxiliam na ativação de conhecimentos prévios.

Com esse questionário percebe-se que a leitura deve ser colocada pelos professores como algo prazeroso, não por imposição.

Diante da explanação até o momento é visível o fato de o aluno pensar que a leitura é só para decodificação para cumprir tarefas e tirar boas notas. Porém, é essencial que o professor reverta essa concepção.

O professor terá que criar momentos, através dos quais os alunos possam ouvir e ler histórias, pelo simples prazer de ler ou ouvir, sem cobranças. Criar momentos de partilhar histórias lidas, de dar vazão aos seus sentimentos para dizer o que gostaram ou do que não gostaram com quais personagens se identificaram mais, o que mudariam que outras lembranças tiveram etc. O importante é que nessa hora não haja pressa, para que a história possa despertar tanto em quem lê, quanto em quem ouve um envolvimento muito grande.

O livro didático vem despertando a atenção dos mais variados segmentos da pedagogia moderna.

Quando se inicia na alfabetização, deparamo-nos com o livro didático que de acordo com Zilberman (1998, p.21) exclui a interpretação e com isso exila o leitor.

Que acaba afastando o gosto pela leitura porque as interpretações são óbvias, não instiga o aluno pensar, pelo contrário, desestimula a ler o texto, sendo assim perde o interesse, em virtude dos textos estarem longe do universo da criança.

Conforme Lerner (2002), a maior parte das escolas só trabalha com textos didáticos e literários de forma burocrática, sem sentido para o aluno.

Além de não trabalharem com leituras diversificadas, ainda criam dificuldades, quando cobram das crianças os tais fichamentos, resumos, levando dessa maneira o desinteresse do aluno pela leitura que passa a ser de obrigação e não de prazer.

A escola precisa mudar essa estratégia de leitura, pois; Segundo Lajolo (1994) adverte que muitos alunos têm nos livros escolares sua única razão literária, e o único meio de chegar à conclusão sobre o que são letras e escritores.

Muitas crianças de nossas escolas chegam à primeira série sem ter acesso a nenhum contato com livros, por virem de lares pobres, onde não tem o hábito de ver adultos lerem livros. Ao chegar à escola o livro didático se torna a fonte de conhecimento.

Essa constatação pode ser feita com base em Smolka (1989) que diz: “o livro didático é apresentado para o aluno como uma fonte de conhecimento do mundo”.

Se o professor não oferecer leituras variadas, somente os textos do livro didático, vão desencorajá-los para a leitura mais desinteressante e assim não formar um leitor que sinta prazer em um livro.

3.1.1 Origem e Importância da Leitura

Desde os primórdios da civilização o homem busca habilidades que o tornem mais útil a vida em sociedade e que o tornem mais feliz. A criação de mecanismos que possibilitassem a disseminação de seu conhecimento tornava-se

um imperativo de saber/poder, que ensejava respeito e admiração pelos companheiros de tribo.

Daí o surgimento das inscrições rupestres, simbologia, posteriormente e num estágio mais avançado das civilizações, os hieróglifos e as esculturas que denotavam sua própria e mais nobre conquista: a conquista de ser.

Nesse contexto surge a escrita e a leitura como imanescentes à própria história da civilização.

A criação dessa disponibilidade, que chamamos escrita e leitura, criam outras disponibilidades, pois ela é a básica, dela provêm as demais. Através da leitura e da escrita o homem conseguiu estreitar os laços de afetividade com seus semelhantes, harmonizar os interesses, resolver os seus conflitos e se organizar num estágio atual da civilização, com a abstração a que nominamos “Estado”. O homem se organizou politicamente.

Mas voltando-nos ao campo do conhecimento humano, que é o que por ora nos interessa, o mito poético que sempre embalou o homem à fantasia dos deuses, descortinar as portas do saber, originando a busca da informação, do saber humano, do seu prazer.

Com o desenvolvimento da linguagem, a força das mensagens humanas aperfeiçoou-se a tal ponto ser imprescindível à sua própria existência. A busca do conhecimento tornou-se imperativa para novas conquistas e para o estabelecimento do homem como ser social, como centro de convergência de todos os outros interesses.

Na busca desse conhecimento, que se perpetua ao longo da história da civilização, percebe-se que quanto mais cedo o homem iniciar, mais cedo germinará bons resultados. Ou seja, a infância como uma fase especial de evolução e formação do ser, deve despertar-lhe para este mundo, o mundo da simbologia, o mundo da leitura.

Por outras palavras, a imaginação humana é imperiosa para a construção do conhecimento, pois o conhecimento também é arte, daí a importância da Educação Infantil para enriquecer essa imaginação da criança, oferecendo-lhe condições de liberação saudável, ensinando-lhe a libertar-se no plano metafísico, pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade e o hábito da leitura.

Nessa caminhada na construção do conhecimento humano, não é de se olvidar a relatividade da importância dos livros didáticos, muitas vezes o único

acesso disponível para a maioria do público infantil, sobre o que passaremos a discorrer nas próximas linhas.

3.1.1.1 Leitura desde o berço: A formação do leitor

Entende-se o ato de ler não é apenas como a decodificação da palavra escrita, mas também como observação do mundo em detrimento da consciência do indivíduo. Lajolo (1994, p. 7) diz:

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende em bancos da escola, outras leituras geralmente se aprendem por aí, na chamada escola da vida, independe da aprendizagem formal e perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

A leitura não é unicamente feita na escola, ela se dá de duas formas: uma é através dos livros da qual se aprende em sala de aula, e a outra, é a prática do dia a dia. No entanto, são perceptíveis que se conheçam vidas diferenciadas, sem ter vivenciado na íntegra. Justo (2010, p. 38) interage, ao dizer:

A biblioteca é um espaço especialmente planejado para crianças de 0 a 3 anos em uma biblioteca pública. Lá crianças e pais têm acesso a livros e participam de atividades como à Hora do Conto, que aproxima os bebês do prazer da leitura desde muito cedo.

Desta forma, percebe-se quão grande é a importância da leitura desde seu nascimento, perfazendo, assim, um ciclo vital, não só dos bebês, mas também dos pais que ao incentivar seus filhos, acabam por fazer várias leituras no ambiente e habitua-se à mesma que talvez antes não a fizessem. Assim sendo, é necessário um ambiente aconchegante e que traga prazer aos pais e filhos que o frequentem.

Souza (1992) trabalha com o conceito de que a leitura se define no ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Diante dessa afirmação, compreende-se o verdadeiro significado de leitura e percebe-se que ler não é meramente decifrar os códigos linguísticos, mas também compreendê-los de forma com que os mesmos formem um significante. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita, é entender, é interpretar, é debater, é comparar, é influenciar e

ser influenciado, é propagar e sentir o que o escritor sente, através da escrita, demonstrar o que quer, o que sabe, o que pensa, o que imagina.

3.2 OS OBJETIVOS DA LEITURA

Segundo Brown (1984, 42), “os objetivos da leitura determinam a forma em que um leitor se situa frente a ela e controla a consecução do texto”. Existe um acordo geral sobre o fato de que os bons leitores não lêem qualquer texto da mesma maneira, e que este é um indicador da nossa competência: a possibilidade de utilizar as estratégias necessárias para cada caso.

Sobre a importância da leitura Silva (1995, p.12) nos afirma que “o ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens”. Explica os objetivos dos leitores com relação a um texto podem ser muito variados, e ainda que fosse enumerado, nunca se poderia pretender que essa lista fosse exaustiva; haverá tantos objetivos como leitores, em diferentes situações e momentos.

3.2.1 Ler para Obter uma Informação Precisa

É a leitura que se realiza quando se pretende algum dado que interessa. Silva (1995) aponta que este tipo de leitura caracteriza-se pelo fato de que, na busca de alguns dados, ocorre, concomitantemente, o desprezo por outros, não poderia ser de outra maneira, pois caso contrário, a atuação seria muito pouco eficaz. Exemplos característicos de leitura para localizar uma informação concreta são os seguintes: a busca de um número telefônico em uma lista; a consulta do jornal para descobrir em que cinema e horário será projetado um filme a que queremos assistir; a consulta de um dicionário ou de uma enciclopédia etc.

O ensino da leitura para obter uma informação precisa requerer o ensino de algumas estratégias, sem as quais este objetivo não será atingido. Nos exemplos propostos, é preciso conhecer a ordem alfabética e saber que as listas telefônicas,

os dicionários e as enciclopédias (embora nem todas) estão organizadas conforme essa ordem; também deve-se saber que os jornais destinam páginas especiais aos espetáculos e que geralmente existe um índice para mostrar o número da página em que se encontra a informação buscada. Contudo, os textos a serem consultados para obter informações precisas podem ser muito variados.

3.2.2 Ler para Seguir Instruções

Silva (1995) ainda defende que neste tipo de tarefa, a leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta, as orientações para participar de uma oficina de experiência etc.

Quando se lê com o objetivo de “saber como fazer”, é imprescindível compreender o texto lido, e no caso de fazer uma coisa coletiva, deve-se garantir que essa compreensão seja compartilhada. Assim no caso anterior, o leitor selecionava o que precisava ou não ler, enquanto agora, é absolutamente necessário ler tudo e compreendê-lo, como requisito para atingir o fim proposto.

Nestes casos, uma vantagem inegável é que a tarefa é completamente significativa e funcional: a criança lê porque é preciso, e, além disso, tem a necessidade de controlar sua própria compreensão. Não é suficiente ler, mas garantir a compreensão do que se leu. Por este motivo, a leitura de instruções, receitas, regras de funcionamento, etc., constituem um meio adequado para incentivar a compreensão e o controle da própria compreensão, especialmente se as orientações lidas devem ser compartilhadas por um grupo de alunos.

3.2.3 Ler para Obter uma Informação de Caráter Geral

Esta é a leitura que é feita quando se quer “saber de que trata” um texto, “saber o que acontece”, ver se interessa continuar lendo, como aponta Freire (1988). Quando se lê para obter uma informação geral, não há uma pressão por uma busca concreta, nem é preciso saber detalhadamente o que diz o texto; é suficiente ter uma impressão, com as idéias mais gerais. Pode-se dizer que é uma leitura guiada, sobretudo pela necessidade do leitor de aprofundar-se mais ou menos nela, e neste ponto ela difere um pouco das anteriores.

No entanto, quando ao pegar um jornal, não se lê cada notícia ou matéria.

No caso das primeiras, é bastante provável que se leia a manchete; às vezes, essa simples leitura já é suficiente para passar para outra notícia. Em outras ocasiões, a manchete parece sugestiva e então se passa ao cabeçalho, em que se sintetiza a notícia. Pode-se ficar por aí ou talvez desejemos aprofundar um pouco mais, neste caso, tem-se a opção de ler toda a notícia ou “saltear” e procurar o parágrafo que trata de algum ponto concreto que suscita interesse. No caso das matérias, muitas vezes se é mais drástico: dependendo do autor, do título e das colunas que ocupa, pode-se decidir se será lida ou não.

Silva (1995) aponta ainda que este tipo de leitura, muito útil e produtiva, também é utilizado quando é feita uma consulta a algum material com propósitos concretos; por exemplo, se é preciso elaborar uma monografia sobre algum tema, geralmente lê-se com todos os detalhes o que dizem sobre os mesmos, diversas obras e enciclopédias, livros de ficção, etc. Antes de decidir a ler em profundidade as obras capazes de ajudar nas tarefas, tenta-se ter uma visão ampla e depois selecionar o que mais interessa.

Este é um tipo de leitura muito usada na escola – pense no Ensino Médio, em que são habituais os trabalhos sobre determinados assuntos, sobretudo em algumas áreas –, mas que geralmente não se ensina, porque não se criam as ocasiões em que ele deve ser feito. Entretanto, como visto anteriormente, é muito útil. O incentivo deste tipo de leitura é essencial para o desenvolvimento da “leitura crítica”, em que o leitor lê segundo seus próprios interesses e propósitos, formando uma impressão do texto, e sabe tanto o que tem com relação a eles quanto o que pode opor-se. Chall (1979) considera que este é o tipo de leitura mais elevado, cuja aprendizagem – no caso de ser realizada – nunca termina. Assim, seria desejável que ocupasse na escola um lugar maior do que geralmente lhe é concedido, pois com ele o aluno assume plenamente sua responsabilidade como leitor.

3.2.4 Ler para Aprender

Freire (1988) lembra que quer seja por decisão pessoal ou para acatar decisões de outros, o aluno lê para aprender, sua leitura possui características diferentes das formas de ler dominadas por outros objetivos. Isto é, quando se

estuda, pode-se realizar uma leitura geral do texto para situá-lo em seu conjunto, e depois as idéias que ele contém são aprofundadas.

No caso da leitura, o leitor sente-se imerso em um processo que leva a se auto-interrogar sobre o que lê, a estabelecer relações com o que já sabe, a rever os novos termos, a efetuar recapitulações sínteses freqüentes, a sublinhar, a anotar.

Freire (1988) ainda defende que quando se lê para estudar, é comum – e de grande ajuda – elaborar resumos e esquemas sobre o que for lido, anotar todas as dúvidas, ler o texto ou outros que possam contribuir para a aprendizagem etc. quando lemos para aprender, as estratégias responsáveis por uma leitura eficaz e controlada atualizam-se de forma integrada e consciente, permitindo a elaboração de significados que caracterizam.

Ainda que ler para aprender seja uma finalidade em si mesma, sua consecução pode ser muito facilitada se o aluno tiver alguns objetivos concretos de aprendizagem. Ou seja, que não saiba apenas que lê para aprender, mas que saiba o que se espera que ele aprenda concretamente. As orientações para a leitura e as discussões prévias podem ser de grande ajuda neste sentido.

3.2.5 Ler para Revisar um Escrito Próprio

Freire (1988) aponta que este é um tipo de leitura muito habitual em determinados grupos – aqueles que utilizam a escrita como instrumento de seu trabalho –, embora seja muito restrito fora deles. Quando lê o que escreveu, o autor/revisor revisa a adequação do texto que elaborou para transmitir o significado que o levou a escrevê-lo; neste caso, a leitura adota um papel de controle, de regulação, que também pode adotar quando se revisa um texto alheio, mas não é mesma coisa. Quando lê-se o que se escreve, sabe-se o que se quer dizer e tem-se que se pôr simultaneamente em seu lugar e no do futuro leitor, isto é, você. Por isso, às vezes os textos são tão difíceis de entender – é possível que o autor tenha se posto apenas em seu próprio lugar e não no dos possíveis leitores; por isso algumas ocasiões também são tão difíceis revisar os próprios textos – parece tão claro o que quer-se dizer, que não percebe-se que não se diz claramente.

É uma leitura crítica, útil, que nos ajuda a aprender a escrever e em que os componentes metacompreensivos tornam-se muito evidentes. No contexto escolar, a auto-revisão das próprias redações escritas é um ingrediente imprescindível em um

enfoque integrado do ensino da leitura e da escrita, útil para capacitar as crianças no uso de estratégias de redação de textos.

3.2.6 Ler por Prazer

Silva (1995) afirma que, em geral, a leitura por prazer associa-se à leitura de literatura. É natural que isso aconteça, pois os textos literários, cada um em seu nível adequado dos alunos, poderão “enganchá-los” com maior probabilidade. Entretanto, também é muito freqüente que a leitura do texto literário seja associada ao trabalho sobre estes textos – questionários de comentários de texto, análise da prosa etc. – que por outro lado, é totalmente necessário. Por isso seria útil distinguir entre ler literatura – e aqui tem sentido, por exemplo, que todos os alunos leiam um mesmo fragmento – para realizar determinadas tarefas que, se abordada adequadamente, não só não interferirão no primeiro objetivo, como também ajudarão a elaborar critérios pessoais que permitam aprofundá-los.

3.2.7 Ler para Comunicar um Texto a um Auditório

Este tipo de leitura é próprio de grupos de atividades restritos; ler um discurso, um sermão, uma conferência, uma aula magistral; ler poesias em uma apresentação. Sua finalidade é que as pessoas para as quais a leitura é dirigida possam compreender a mensagem emitida, e para isso o leitor pode utilizar toda uma série de recursos – entoação, pausas, exemplos não – lidos, ênfase em determinados aspectos, que envolvem a leitura em si e que estão destinados a torná-la amena e compreensível.

Neste tipo de leitura, segundo Freire (1988) os aspectos formais são muito importantes; por isso, um leitor experiente nunca lerá em voz alta um texto para o qual não disponha de uma compreensão, ou seja, um texto que não tiver lido previamente, ao qual não dispuser de conhecimentos suficientes.

A leitura eficaz em voz alta requer a compreensão do texto, como ocorre com a leitura rápida, que é um produto e não um requisito da compreensão. Você mesmo pode comprovar que, se decidir ler as duas páginas seguintes em voz alta, sua compreensão diminuirá com isso, pois ficará preocupado com outros aspectos – entoação, respeito à pontuação, clareza na dicção. Mas ao mesmo tempo, é

bastante provável que também tenha problemas na oralidade. Todos esses aspectos resolvem-se muito melhor se o que deve ser lido em voz alta for previamente conhecido, por exemplo, se ler as duas páginas anteriores.

3.2.8 Ler para Praticar a Leitura em Voz Alta

Na escola, segundo Silva (1995), este objetivo preside com grande freqüência as atividades de ensino de leitura, às vezes mesmo com exclusividade. Em síntese, pretende-se que os alunos leiam com certeza, rapidez, fluência e correção, pronunciada adequadamente, respeitando as normas de pontuação e com a entonação requerida.

De fato, todas essas exigências fazem com que, inclusive para o aluno, o primordial da leitura seja respeitá-las, e nestes casos a compreensão se situa em nível secundário. No entanto, o professor costuma acrescentar aos objetivos apontados o da compreensão; por isso, é freqüente que, depois de uma atividade de leitura realizada em voz alta, ele faça perguntas sobre o conteúdo do texto.

Trata-se de compreender um texto, o aluno deve ter a oportunidade de lê-lo com essa finalidade; neste caso, deve haver uma leitura individual silenciosa, permitindo que o leitor siga seu ritmo, para atingir o objetivo “compreensão”. Não se pode esperar que a atenção dos alunos (especialmente nas etapas iniciais de aprendizagem da leitura) possa distribuir-se da mesma maneira entre a construção do significado e a necessidade de organizar bem. Portanto, não parece muito razoável organizar uma atividade cuja única justificativa seja treinar a leitura em voz alta para depois querer chegar ao que se compreendeu.

Por outro lado, ainda aponta Silva (1995) sabe-se que, para ler com eficácia em voz alta, requer-se a compreensão do texto. Em muitas classes isso se soluciona fazendo com que as crianças leiam em voz alta textos cujos conteúdos conhecem, embora não os tenham lido previamente – por exemplo, história que conhecem por tradição oral. O problema é que, quando esses textos e esse tipo de leitura se generalizam ou se tornam exclusivos, os alunos podem ir construindo uma idéia bastante pitoresca sobre a leitura: ler é dizer em voz alta o que está escrito em livros cujo conteúdo já conhecia antes de começar a ler.

De qualquer forma, a leitura em voz alta não passa de um tipo de leitura que permite cobrir algumas necessidades, objetivos ou finalidades de leitura. A

“preparação” da leitura em voz alta, permitindo que as crianças façam uma primeira leitura individual e silenciosa, antes da oralidade, pode ser um recurso que deveria ser bem utilizado.

Naturalmente, uma condição para que a leitura em voz alta tenha sentido, tanto para o leitor como para os ouvintes, relaciona-se ao fato de que estes não podem ter acesso ao conteúdo emitido de outra maneira; em outras palavras, escutar alguém lendo pode ser pouco interessante e custoso se tiver a nossa frente o texto que está sendo lido.

3.2.9 Ler para Verificar o que se Compreendeu

Ainda que quando se enfrenta um texto se tenha algum propósito, este pode implicar a compreensão total ou parcial do texto lido. Um uso escolar da leitura, muito aplicado, por outro lado, consiste em que alunos e alunas devem dar conta da sua compreensão, respondendo a perguntas sobre o texto ou recapitulando-o através de qualquer outra técnica.

É importante que os professores avaliem se realmente houve compreensão, pois esta constitui um objetivo que se pretende alcançar. No entanto, não se tem certeza de que mediante uma série de perguntas/respostas, possa se avaliar de fato a compreensão do leitor. Desta forma é necessário que os métodos adotados pelo professor sejam convenientemente planejados. Uma visão ampla da leitura, e um objetivo geral que consista em formar bons leitores não só para o contexto escolar, mas para a vida, exige maior diversificação nos seus propósitos, nas atividades que a promovem e nos textos utilizados como meio para incentivá-la.

Freire (1988) lembra que mesmo sabendo que alguns dos objetivos acima descritos não são extensivos ao conjunto da população, mas que devem ser levados em conta que para formar bons leitores, todos eles devem ter seu uso fomentado na escola, em atividades significativas de leitura. E para que isto possa ser possível, algumas atividades podem ser propostas pelo professor para facilitar tais objetivos como:

- trabalhar com jornais na sala de aula;
- revisar as relações realizadas;
- consultar diversas obras para pequena pesquisa;
- organizar uma sessão de leitura de poesia;

- ler um texto em silêncio e compartilhar as dúvidas e perguntas suscitadas por ele;
- realizar alguma tarefa a partir de instruções;
- incentivar a escolha de livros de uma biblioteca ou de um cantinho de leitura;
- perguntar às crianças que objetivos perseguem com a leitura de um determinado texto.

Silva (1995) lembra que é preciso levar em conta que ao ensinar as crianças a ler com diferentes objetivos, com o tempo, elas mesmas serão capazes de colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados. O ensino seria muito pouco útil se, quando o professor desaparecesse, não pudesse se usar o que se aprendeu.

Convém refletir sobre isso, uma vez que na escola, o objetivo principal – implícito, na maioria das vezes – das tarefas de leitura é “responder a perguntas sobre o texto lido”.

3.3.0 Estratégias de Leitura

Estratégias de leitura são metodologias utilizadas para abordar o texto, as quais podem ser cognitivas, portanto, operações inconscientes, e meta cognitiva, que são passíveis de controle consciente, pois partem do senso comum. Fregonezi (1993), afirma ao se referir sobre estratégias de leitura afirma que: As atividades escolares de leitura realizadas em nossas escolas, tendo como base os materiais de leitura encontrados no mercado editorial, não conduzem os alunos a se tornarem bons leitores, isto é, essas atividades não exercitam no aluno suas estratégias de leitura.

Essas atividades só distraem os alunos. O professor quando proporciona uma ação crítica e reflexiva sobre o mundo, expondo aos seus alunos uma diversidade de textos, levam subsídios aos alunos para se tornarem críticos e funcionais. É esse o papel do professor e da escola. Um aspecto importante dentro do ambiente escolar é a formação e a manutenção das bibliotecas, pois ainda não se transformou em preocupação política na realidade educacional. Além disso, poucos são os professores que visitam a biblioteca para conhecer os seus recursos e tentar um trabalho integrado com os bibliotecários. Essa prática seria um meio de colaborar com os alunos para a investigação de determinados assuntos e uma forma de interagi-los com os livros para a formação de bons leitores. Também podem

trabalhar a leitura através de projetos interdisciplinares, onde todos os professores estariam colaborando na formação de bons leitores com uma mesma finalidade.

Mostrar o valor da leitura aos educandos não é uma tarefa difícil, pois esse processo, bem estruturado, com supervisores e/ou bibliotecários, significa uma possibilidade de repensar o real pela compreensão mais profunda dos aspectos que o compõem. No ensino, não basta discutir ou teorizar o valor da leitura. É preciso construir e levar a prática, que a leitura venha a ser cada vez mais sedimentada na vida do educando. Mas não só na vida do educando, pois o professor brasileiro, dado a sua condição de oprimido, também é carente de leitura (LAJOLO, 1988).

A compreensão de um texto caracteriza-se pela utilização de conhecimentos prévios. O leitor eficiente ativa o conhecimento linguístico, textual e de mundo que tem armazenado na memória, para integrar com o texto e construir um significado para este. A ativação do conhecimento prévio é essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes do texto num todo coerente.

O conhecimento prévio tem sido estudado como teoria de esquemas. Disso decorre que, para Corte (1991, p.95) “Todo nosso conhecimento de mundo está armazenado em unidades abstratas, que são chamadas de esquemas. Os esquemas são, portanto, uma estrutura de dados para representar todos os conceitos genéricos armazenados na memória”. Já para Marcuschi (1984) esquemas são unidades de nível mais alto, organizam seqüências de eventos, como histórias ou narrativas em que são atividades categóricas como personagens, soluções, conclusões, etc. Neste caso o leitor é capaz de resumir textos, ordená-los, memorizá-los e reproduzi-los. A seleção é também uma estratégia que permite ao leitor, quanto ler um texto qualquer, usar sua mente para selecionar o que lhe interessa do conteúdo. Escolhem-se alguns aspectos relevantes e ignoram-se outros irrelevantes para o entendimento do texto.

O autocontrole é outra estratégia em que a atitude permanentemente do leitor, consiste entre o que ele supõe (inferência, seleção, antecipação) e as respostas que vai obtendo a partir do texto, trata-se de avaliar as antecipações e inferências, confirmando-as ou refutando-as com a finalidade de garantir a compreensão. Outra estratégia também é a auto correção que ocorre quando as expectativas levantadas pelas estratégias de antecipação não são confirmadas, então o leitor repensa a hipótese e retoma as partes anteriores do texto para fazer

as devidas correções. Para Cocco, (1999) Há uma relação recíproca entre usar estratégia porque se está entendendo o texto, entende-se o texto porque se está aplicando uma estratégia correta.

3.3.1 Praticar a Leitura

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos de certa forma, lendo - embora, muitas vezes, não nos demos conta.

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Angela Kleiman (1997), a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor: os linguísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu uso; os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e os de mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo.

Quando citamos a necessidade do conhecimento prévio de mundo para a compreensão da leitura, podemos inferir o caráter subjetivo que essa atividade assume. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.

Kleiman (1997), ainda aponta que daí por diante se pode começar a refletir sobre o relacionamento leitor-texto.

Já dissemos que ler é, acima de tudo, compreender. Para que isso aconteça, além dos já referidos processamento cognitivo da leitura e conhecimentos

prévios necessários a ela, é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura. Ele precisa manter um posicionamento crítico sobre o que lê, não apenas passivo.

Quando atende a essa necessidade, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus preconceitos etc. É por isso que consegue ser tocado pela leitura.

Dessa forma, lembra Kleiman (1997), o único limite para a ampliação da leitura é a imaginação do leitor; é ele mesmo quem constrói as imagens acerca do que está lendo. Por isso ela se revela como uma atividade extremamente frutífera e prazerosa. Por meio dela, além de adquirirmos mais conhecimentos e cultura - o que nos fornece maior capacidade de diálogo e nos prepara melhor para atingir às necessidades de um mercado de trabalho exigente, experimentamos novas experiências, ao conhecermos mais do mundo em que vivemos e também sobre nós mesmos, já que ela nos leva à reflexão.

E refletir, sabemos, é o que permite ao homem abrir as portas de sua percepção. Quando movido por curiosidade, pelo desejo de crescer, o homem se renova constantemente, tornando-se cada dia mais apto a estar no mundo, capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê, do sistema em que está inserido. Assim, tem ampliada sua visão de mundo e seu horizonte de expectativas.

Desse modo, a leitura se configura como um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência do homem.

Há, entretanto, uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Como afirma Pennac, "o verbo ler não suporta o imperativo" (2000, p. 30). Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, Pennac prescreve alguns direitos do leitor, como o de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar, ou, até mesmo, o de não ler. Respeitados esses direitos, o leitor, da mesma forma, passa a respeitar e valorizar a leitura. Está criado, então, um vínculo indissociável. A leitura passa a ser um imã que atrai e prende o leitor, numa relação de amor da qual ele, por sua vez, não deseja desprender-se.

3.3.2 A Importância do Livro Paradidático para o Desenvolvimento da Leitura

Ler é essencial. Através da leitura, testam-se os próprios valores e experiências com as dos outros. No final da leitura de cada livro, ficam-se enriquecidas com novas experiências, novas idéias, novas pessoas. Eventualmente, fica-se conhecendo melhor o mundo, e um pouco mais de si mesmo.

O livro pode ser entendido como um documento escrito e assinado pela mão da humanidade, que registra a vitória do saber sobre a calamidade da ignorância.

Ler é estimulante. Tal como as pessoas, os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e por vezes, complicados. Os livros transportam as pessoas para outros tempos, outros lugares, outras culturas. Os livros possibilitam que se vivencie em situações e dilemas que nunca poderia imaginar encontrar. Os livros ajudam a sonhar e pensar.

Nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura de livros. Na escola aprende-se gramática e vocabulário. Contudo, essa aprendizagem nada é comparada com que se pode absorver de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros.

Alguns livros são simplesmente melhores que outros. Alguns autores vêm com mais profundidade o interior de personagens estranhas, e descrevem o que eles vêem e sentem de uma forma mais real e efetiva. As suas obras podem exigir mais dos leitores: consciência das coisas implicadas em vez de meramente descritas, sensibilidade às nuances da linguagem, paciência com situações ambíguas e personagens complicadas, vontade de pensar mais profundamente sobre determinados assuntos. Mas o esforço vale a pena, pois esses autores podem proporcionar aventuras que permanecem na memória para toda a vida.

É essencial perseverar. A maioria da boa escrita é multifacetada e complexa.

É precisamente essa diversidade e complexidade que faz da literatura uma atividade recompensatória e estimulante.

Muitas vezes um livro tem que ser lido mais de uma vez e com abordagens diferentes. Estas abordagens podem incluir: uma primeira leitura superficial e relaxada para ficar com as principais idéias e narrativas; uma leitura mais lenta e detalhada, focando as nuances dos textos, concentrando-nos no que nos parece ser as passagens chave; e ler o texto de forma aleatória, andando para trás e para

frente através do texto para examinar características particulares tais como temas, narrativa, e caracterização dos personagens.

Segundo Ferreiro:

A necessidade de ler, de se informar, de estar atento aos grandes e pequenos temas, de abandonar a passividade e opinar sobre tudo que nos cerca. A leitura nos dá a segurança na construção da linguagem clara dizendo o que queremos dizer. A informação nos garante um nível satisfatório de argumentos (FERREIRO, 2004, p.27).

Todo leitor tem a sua abordagem individual, mas o melhor método, sem dúvida, de extrair o máximo de um livro e lê-lo várias vezes.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento.

A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. É também um recurso para combater a massificação executada principalmente pela televisão. Para o educando, o livro é ainda um importante veículo para a criação, transmissão e transformação da cultura.

Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades, promovendo a sua transformação e a do mundo.

O livro pode ser considerado como precioso recurso de ensino. No entanto, não é tão popular como o giz, o quadro negro, o lápis e o caderno. É grande o número de livros aditados, com inúmeros títulos diferentes que poderiam ser bem utilizados, concorrer para a melhoria da qualidade do ensino, Campos (1987, p. 38) enfatiza que:

O professor tem a liberdade de escolher as obras didáticas para seus alunos em função do conhecimento que tem dos livros, da escola e dos alunos. Pode ainda usar de materiais impressos para o ensino de sua disciplina: dicionários, revistas, jornais e outros e, até mesmo, elaborar seus próprios textos, incentivando assim as muitas formas de ler.

É necessário que se lembre que a educação do ser humano envolve sempre dois fatores, como nomeia Ferreiro (1985); formação e informação. Por isso, os conhecimentos transmitidos às novas gerações devem ser trabalhados com os

valores e costumes para que ocorra a sobrevivência e evolução da cultura. Os textos podem ser utilizados na realização de objetivos educacionais tanto para formar como para informar.

A aprendizagem da leitura sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, senão enquanto ato, enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso. Freire (1985 p.43) diz: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo”. Refletindo melhor, se poderia dizer: ninguém ensina ninguém a ler. O aprendizado é em última instância, se desenvolva na convivência, cada vez mais com os outros e com o mundo, naturalmente!

3.3.3 A Importância da Leitura na Formação de Alunos Críticos

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade.

Como afirma Foucault (1994, p.123), o acesso à escrita é o único meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual ele define como "a capacidade de compreender por que as coisas são como são" e que não se confunde com os "poderes" permitidos ou facilitados pelo status social do indivíduo. Desta forma, ele diferencia o "Poder" dos "poderes", dizendo que o primeiro permite ir além do que é evidente, possibilitando a descoberta das relações por detrás das circunstâncias, situações ou coisas, estando, portanto, ligado à transformação; enquanto os poderes encontram-se na reprodução e na compreensão estática e não reveladora do real.

Ainda de acordo com Foucault (1994), o acesso ao "Poder" só é possível a partir da reflexão, distanciamento e teorização do real. Ou seja, através de uma atitude científica frente ao mundo, a qual, nos moldes da própria Ciência, favorece a transformação da realidade. Contudo, segundo esse autor, isto só é possível através do acesso ao processo de produção do saber e não, apenas, por meio da transmissão dos saberes, os quais são imbuídos de neutralidade e se apresentam como objetos separados dos processos que os geram, promovendo a uniformidade entre os indivíduos que a eles têm acesso.

Sendo assim precisam-se oportunizar diferentes leituras aos alunos e assim, estabelecer uma ampla rede de relações de indivíduos que buscam no universo da

leitura o gosto, o aprendizado e a formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes. É imprescindível que, criem diferentes oportunidades para levar aos seus alunos a ler. Tarefa não muito fácil, mas estudos mostram que é possível explorar esse universo e torna-lo atrativo nas escolas com diferentes textos que usamos no dia a dia. Despertar esse prazer no aluno de ler, de descobrir e de crescer humano e intelectualmente, deve ser o objetivo central de toda instituição e de ensino e dos professores.

Neste sentido o autor Smith (1999), fala que a concepção para estimular a leitura consiste em:

Somente por meio dela que as crianças aprendem a ler, e que os professores devem, portanto garantir que a leitura seja acessível e agradável a todas as crianças [...] mostro que elas podem aprender a ler somente pelo uso de materiais e atividades que elas entendam e que desperta seu interesse, que possam relacionar com atividades que já conhecem."Os únicos livros que devem ser lidos para as crianças ou que elas devem ler são aqueles que realmente despertam interesse, que contêm rimas e histórias fascinantes, e não a prosa desinteressante e artificial a que muitas crianças são obrigadas a prestar a atenção, como por exemplo, ler sobre um dia entediante na vida de duas crianças fictícias ou então ler frases tipo vovó viu a uva (SMITH, 1999, p. 134).

Portanto, o que acontece em sala de aula referente à leitura é de extrema importância, pois essas experiências são determinantes para que os alunos tornem-se leitores ou não; considerando que ser leitor não é apenas decodificar códigos, mas ler, entender e opinar sobre o que foi lido.

3.3.4 Leitura: A Escola em Relação à Família

A escola de uma forma geral trabalha com diferentes práticas de leitura. Pela sua própria função e especificidade, essas práticas diferem de outras práticas de leitura no campo social, visto que, mais do que uma necessidade social, têm como objetivo explícito a formação de leitores.

Essa especificidade da leitura escolar, entretanto, não a desvincula do campo social mais amplo, pois a leitura só tem sentido como uma prática social, pois é parte de uma cadeia de significação como afirma Bakhtin (1990).

Por um lado, a escola objetiva a formação do sujeito, o que implica todo um leque de intencionalidades para formar leitores em potencial e, por outro lado, tenta resgatar as funções e usos sociais da leitura que vão garantir que esse leitor busque

seus objetivos e processos no uso da leitura. Essa ambigüidade, portanto, é uma marca da leitura escolar. Implicitamente, todas as práticas de leitura na escola pesquisada visam à formação de um leitor socialmente posicionado, embora apresentem funções prioritárias diferenciadas. De uma forma geral, a biblioteca e o projeto. Leia Brasil têm como função primordial criar laços entre o leitor e o livro, enquanto, na sala de aula, as práticas de sistematização da leitura visam possibilitar o conhecimento lingüístico indispensável à leitura alfabética, e também resgatar a leitura como prática social através das práticas com possibilidades de leituras.

Essa diversidade é não só importante, mas também necessária para a formação dos leitores; entretanto, no espaço de sala de aula, onde as experiências de leitura tendem a se aprofundar, a ênfase recai no processo de sistematização da leitura, quase que em detrimento das outras possibilidades, privilegiando textos e fragmentos de textos retirados quase que exclusivamente de livros didáticos e propondo uma leitura destinada unicamente a desenvolver ou avaliar conhecimentos lingüísticos, no sentido restrito. A tentativa de romper com essa concepção de leitura se apresenta nas iniciativas da professora ao inserir no trabalho outros suportes textuais, como o livro de literatura e o jornal, reconhecendo que o trabalho com a leitura é mais amplo e exige outras atividades além daquelas que se prestam à sistematização.

O trabalho com esses outros suportes, no entanto, preso à concepção de linguagem em que o sentido está dado pelo signo lingüístico, desvincula-os de suas condições de produção e de seus usos e funções reais. O jornal é trabalhado na mesma lógica que os textos didáticos, com ênfase na capacidade de verbalização da leitura. Suas possibilidades sociais não são trabalhadas ou discutidas, uma vez que a professora, apesar de ciente delas, não encontrou formas de incorporação desse suporte que sejam diferentes daquelas historicamente escolarizadas.

Já o livro de literatura é visto com a única possibilidade de entretenimento e, historicamente, não encontra espaço nas atribuições escolares. Essa leitura como fruição é uma atividade a ser feita fora da escola.

O paradoxo é que, historicamente, a literatura infantil sempre apresentou uma forte ligação com os textos educativos. Segundo Zilberman (1990), o livro para as crianças sempre teve uma postura pedagógica para inculcação de valores e normas do mundo adulto. A literatura infantil, a quem cumpria contornar este pejo das produções lúdicas consideradas vulgares, confundiu-se com a própria escola,

estabelecendo-se, em conseqüência, uma relação simultaneamente metafórica e metonímia entre a espécie literária e a instituição pedagógica: o livro tornou-se tanto o simulacro da escola, por ensinar sempre uma atitude ou um saber à criança; e conformou-se em atuar como um instrumento do ensino, ao ser introduzido na sala de aula na forma simulada de livro didático (ZILBERMAN, 1990, p. 100). Os empréstimos de livros da biblioteca, do Projeto Leia Brasil e dos livros da professora visam suprir a falta de livros infantis nas famílias. Com essas iniciativas, a escola mantém as crianças permanentemente em contato com os livros, mesmo que apenas nos espaços extraclasse, não havendo nenhum tipo de interlocução com os mesmos em sala de aula.

Embora a escola cumpra um papel importante ao possibilitar aos alunos o acesso aos livros infantis que não estão presentes no meio familiar, a interlocução com essas leituras, na sala de aula, tem um caráter predominantemente avaliativo: a capacidade de verbalização no ato da leitura tem uma importância maior que a própria produção de sentidos. Esse caráter predominantemente avaliativo é passado para as famílias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho podemos observar claramente que desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos.

Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça uma certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra.

Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. Frequentar livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura.

Num mundo tão cheio de tecnologias em que se vive, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser trocados por e-mails, CD's e DVD's o lugar do livro parece ter sido esquecido. Há muitos que pensem que o livro é coisa do passado, que na era da Internet, ele não tem muito sentido. Mas, quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe os benefícios que uma simples história pode proporcionar, com certeza haverá de dizer que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo repleto de encantamento.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso a seus alunos. E ele vai se

interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona.

Cabe a nós, professores preocupados com a prática docente, buscarmos caminhos para melhorarmos a nossa prática de ensino, levando os alunos a receberem condições adequadas para se tornarem leitores críticos e conscientes.

A partir do momento em que o aluno tem o objetivo definido “para que ler”, a forma para se chegar a este objetivo não é o mais importante, desde que se consiga alcançá-lo.

Portanto, os textos não precisam ser necessariamente aqueles que o professor quer que o aluno leia e sim, aqueles que o aluno gostaria de ler. Desde pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos lendo, bem ou mal o mundo que nos cerca. Mas precisamos ir além. A escola, pela sua natureza de trabalho que desenvolve e suas responsabilidades sociais, tem um sério compromisso com a liberdade da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1987.

CATTANI, M.I. & AGUIAR, V. T. de. **Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos**. In

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

CHARMEUX, E. **Savoir livre au collège**. Paris: Cedic, 1985. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_15825/artigo_sobre_o_despertar_da_leitura_para_o_ensino_fundamental_i> Acesso em: 12 mar. 2010.

CÓCCO, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

ISER, Wolfgang. **Ato Da Leitura. V.1**. São Paulo: Editora 34, 1996.

JUSTO, M. **Leitura desde o berço**. Pátio, ano VIII, nº 24, jul/set. 2010. p. 38-40.

KLEIMAN, Â. B. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1997.

LAJOLO, M. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura. In: **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 11-65.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Artmed. Porto Alegre. 2002.

LEWIS, c. s. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: UNESP, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo**. Encontro interdisciplinar de leitura, 1. Londrina: 1984.

MEIRELES, E. Literatura, muito prazer. **Nova escola**, ano XXV, nº 234, p. 48-58, ago. 2010.

PENNAC, D. **Como um romance**. Porto: Asa. 2000.

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

SMITH, F. **Leitura Significativa**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed,1999. p. 01-66.

SMOLKA, B. Luíza Ana. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre – RS: Mercado Aberto, 1989.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. J. de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa Em Administração**. São Paulo: Atlas, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, R. Literatura Infantil: livro, leitura , leitor. In: Zilberman, Regina (org.) 4^a ed. **A Produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990

ZILBERMAN, R. (org) **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 6.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.